

História de índios e café no Centro

Vitória nasceu na região onde hoje está situado o Palácio do Governo. Na década de 50, os aterros criaram novos limites

Equipamento de última geração, mão-de-obra especializada, pontualidade e experiência. Essa é nossa receita para manter a confiança de nossos clientes.

LABORATÓRIO Fleming

222.2511

Ed. Sarkis - 2º andar - Centro - Vitória - ES

Informe-se sobre nossos postos e convênios

Ao chegar à ilha, no século XVI, o donatário Vasco Fernandes Coutinho viu na faixa de terra, espremida entre o mar e os morros, o lugar ideal para proteger os colonos dos ataques indígenas. O modesto povoado ganhou espaço e importância econômica com os aterros e as atividades portuárias.

Vitória nasceu na parte alta do centro da cidade, no trecho onde está situado o Palácio Anchieta – antigo colégio dos jesuítas. Durante todo o século XVIII, a vila serviu como uma barreira militar, composta por fortes, impedindo a entrada de invasores que buscavam o ouro de Minas Gerais.

“O governo proibiu a abertura de caminhos em direção à região mineira dificultando a expansão do povoamento capixaba”, explicou o historiador Luiz Guilherme Santos Neves.

No livro “Logradouros Antigos de Vitória”, Elmo Elton relata a falta de iluminação nas ruas de Vitória no ano de 1847, o que facilitava a fuga de escravos, ladrões e assassinos. Apenas o Palácio do Governo, a cadeia pública e o quartel eram iluminados.

Até o início deste século, o Centro se caracterizava por um povoado inexpressivo e limitado pela geografia do terreno. As “ruas tortuosas e estreitíssimas”, muitas vezes, nem chegavam a cinco metros de largura, conforme conta Elton.

Mas pouco antes, em 1892, as atividades de produção e exportação de café começaram a delinear um novo perfil do Centro.



tação de café começaram a delinear um novo perfil do Centro.

“Os presidentes Jerônimo Monteiro (1908 a 1912) e Florentino Avidos (1924 a 1928) se preocuparam com o desenvolvimento urbanístico do centro de Vitória”, relatou Luiz Guilherme.

Até a gestão de Florentino, não havia integração imediata entre a ilha e o continente na parte sul. A ponte Florentino Avidos – conhecida como “Cinco Pontes” – surgiu para escoar a produção cafeeira do Sul do Estado até o Porto de Vitória.

PROJETOS

Remodelação de ruas, abertura de avenidas, construção de edifícios públicos e melhoria da infra-estrutura de saneamento eram os principais projetos.

Do outro lado do Centro, o mar chegava à avenida Jerônimo Monteiro. Na década de 50, o governador Jones dos Santos Neves investiu na criação de espaços habitáveis através dos projetos de aterro da Esplanada Capixaba e de Bento Ferreira.

“Os aterros criaram espaços que ganharam valor econômico com o desenvolvimento portuário, transformando o Centro numa importante área de comércio e serviços”, destacou Luiz Guilherme.

PROJETO – A equipe de reportagem do projeto **A Tribuna com Você** está, durante esta semana, ouvindo moradores do Centro sobre suas reivindicações, a história e a economia do bairro.

O projeto já atingiu vários bairros da Grande Vitória e do interior do Estado.



Entre a baía e os morros, o Centro surge com grande potencial econômico

Moradores viajam no tempo

De ilha do mel à selva de pedra, o centro de Vitória mudou, deixando a nostalgia para os antigos moradores.

“Até 1950, todos se conheciam no Centro. Não havia grandes riquezas, nem grandes pobreza”, relata o historiador Luiz Guilherme Santos Neves, escritor que possui mais de 19 obras com temas históricos, romances e contos.

Um dos principais pontos de encontro do Centro era a Praça Costa Pereira. “Dali, saíram muitos casamentos”, destacou.

Antes das sessões de cinema no Glória ou de teatro no Carlos Gomes, os moradores costumavam passear pela praça. Em volta, circulavam bondes vindos das regiões de Jucutuquara, Santo Antônio e da Praia.

“Ao final dos filmes, os moradores de outras regiões corriam para não perder o bonde”, lembra Maria de Lourdes Jahel, antiga moradora.

Em Vitória, se concentravam diversas faculdades como a de Odontologia, Direito e de Filosofia. “Após a missa dos universitários, aos domingos, os jovens partiam para os bailes. O Centro tinha uma vida cultural intensa”, afirmou Maria Cecília Jahel Nascif.

Em Vitória, se concentravam diversas faculdades como a de Odontologia, Direito e de Filosofia. “Após a missa dos universitários, aos domingos, os jovens partiam para os bailes. O Centro tinha uma vida cultural intensa”, afirmou Maria Cecília Jahel Nascif.

CONHEÇA UM POUCO MAIS DO CENTRO

1 Capela de Santa Luzia: construída sobre uma pedra, no século 16, por Duarte Lemos. É a mais antiga capela da ilha – marco do início da construção de Vitória.

2 Praça Oito de Setembro: local do primeiro cais grande, posteriormente Cais da Alfândega. Em 1906, passou a se chamar Praça Santos Dumont, no período em que o aviador brilhava em Paris. A atual denominação veio em 1911 em homenagem à data de aniversário da cidade. Em destaque, no meio da praça, encontra-se o relógio construído pelo artista alemão Ricardo Schorling, em 1942. É palco das principais manifestações populares e políticas da capital.

3 Palácio Anchieta: antigo colégio dos jesuítas e igreja de San Tiago construído em 1551. Atual sede do poder executivo. Sofreu reparos importantes em 1860. No governo de Jerônimo Monteiro a Igreja foi desapropriada e a reforma substituiu o estilo das construções jesuíticas pelo estilo de Luiz XVI. Este ano, sua fachada está sendo recuperada. O Palácio abriga rara relíquia da religião católica no Brasil, o túmulo do Padre José de Anchieta.

4 Catedral Metropolitana: antiga Igreja Matriz, demolida por Henrique Novaes. Teve sua construção iniciada em 1920. Levou 50 anos para ser construída. Dentro da proposta de revitalização do centro de Vitória, a Catedral ganhará um novo projeto de iluminação externa.

5 Rua Sete de Setembro: antiga rua da Várzea. Até o governo Florentino Avidos apresentava constantes problemas de alagamento. Durante muitos anos foi apenas residencial. Ali, residiram as famílias Abaurre, Grijó, Proença, o historiador Mário Aristides Freire e André Carloni. A partir da década de 60, passou a ser utilizada comercialmente.



6 Praça Costa Pereira: era chamada de prainha antes da construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Mais de dois terços da praça eram banhados pe-

lo mar. O local passou a se denominar Largo da Conceição. Em 1912, a praça foi arborizada e ajardinada. Em 1924, passou a se chamar Costa Pereira.



7 Escola de Arte Fafi: inaugurada em 1927. Antigo grupo escolar Gomes Cardin e Faculdade de Filosofia, Ciências e Artes. O

espaço hoje abriga a Escola de Teatro e Dança, que desenvolve, entre outras atividades, cursos de teatro, dança, exposições de arte.